

Para Szajman, só pacto com

07 SET 1991

Economia - Brasil

Congresso evita quebraadeira

JORNAL DE BRASÍLIA

São Paulo — Perplexo com o tamanho da crise em que mergulhou o País, o presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman, só vê uma saída, política, para evitar quebraadeira de empresas, que prevê para um prazo de menos de um mês. "Somente um acordo entre os poderes Executivo e Legislativo pode abrir uma senda para tirar o País do atoleiro", propõe ele. Szajman acredita que o Governo tem fôlego suficiente para manter a pressão dos juros altos indefinidamente, mas pode se perder no isolamento político. Por isso, entende que Executivo e Congresso deveriam escolher, de comum acordo, dois ou três ministros, para conduzir o processo de reformas estruturais.

"Há um conflito aparentemen-

te insuperável entre os poderes. Assim, dificilmente o Congresso apoiará emendas oriundas do Executivo se não houver um acordo antes. Não adianta chamar o pessoal da Zélia, cujo trânsito no Congresso e entre os empresários é quase nulo", diz. O cenário que traça para a economia não é dos piores para o Governo, o problema, insite, é político. Szajman está convencido de que o dólar não escapará do controle do Banco Central: "Todo dia o BC ganha muito dinheiro vendendo ouro em Nova Iorque e revendendo dólar no paralelo internamente", justifica.

Além disso, acrescenta, o confisco brutal do Plano Collor no ano passado deu ao Governo folga suficiente para rolar sua dívida interna. O déficit ficou menor e o Gover-

no taxa em 50% a rentabilidade das aplicações financeiras, o que diminui ainda mais o serviço da dívida. "O governo tem controle sobre os ativos financeiros e de risco", resume.

Esse quadro obriga os comerciantes a trabalharem com estoques baixos e rápidos, sem depender, em nenhuma hipótese, de bancos. "O estoque do lojista tem que ser o pátio da fábrica", recomenda. Mas reconhece que, em alguns setores, mais concentrados, isso será impossível. "Grandes grupos industriais, que dominam seus mercados, como os de alimentos e de higiene e limpeza, impõem condições de negociação draconianas. A cada dia reduzem os prazos ou embutem os juros cada vez mais elevados", comenta o empresário.